

Elvira Cerniavskis

**CONGO: FÉ OU FESTA?  
EIS A QUESTÃO!**

CELACC / ECA - USP

2010

Elvira Cerniavskis

**CONGO: FÉ OU FESTA?  
EIS A QUESTÃO!**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação  
em Gestão de Projetos Culturais e Organização de  
Eventos, produzido sob a orientação do Prof. Dr.  
Dennis de Oliveira

CELACC / ECA - USP

2010

## **AGRADECIMENTOS**

Em caráter muito especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Dennis de Oliveira, do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC / ECA - USP, que com muita paciência e muito carinho levou-me a concluir este artigo.

Prof<sup>a</sup>. Valderéz Medina, na ocasião Diretora do Departamento de Cultura Municipal de Poços de Caldas, URCA, que disparou o gatilho para tomada de decisão de pesquisar os congos de Poços de Caldas, encaminhando ao Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, onde consegui todo o apoio e informação necessários. Dona Orlanda da Conceição Silva, primeira presidente da Associação dos Ternos de Congos e Caiapós de São Benedito, de Poços de Caldas, capitã do Terno de Congo São Jerônimo / Santa Bárbara, e mãe-de-santo da Umbanda. Lucia Vera Lima, mediadora nas entrevistas, secretária do Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, facilitando o acesso às pessoas e às informações. Ailton Santana (Mestre Bucha), Gerente do Espaço Cultural URCA, Embaixador do Terno de Congo de São Benedito, pela introdução ao significado e à origem do seu Terno de Congo, desde as mais remotas raízes. Roberto Tereziano, jornalista da TVPlan de Poços de Caldas, forneceu dicas e informações preciosas a respeito da Festa de São Benedito e sobre Poços de Caldas. À José Dutra Vieira, do Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, com seu conhecimento, explicou sobre o Rei Congo - Chico Rei. Padre Ronaldo Melo, que me explicou sobre a “inculturação” da Igreja e Eliandra T. Domenigueti, da Irmandade de São Benedito.

Todos os professores do CELACC / ECA - USP, que apoiaram e conduziram para o bom termo deste curso de especialização.

## SUMÁRIO

RESUMO / RESÚMEN / ABSTRACT.....	4
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	7
2.1 Poços de Caldas – dados históricos e atuais.....	7
2.2 Um pouco de história do Congo (Congado, Congada).....	8
2.2.1 Embaixada.....	12
2.2.2 Moçambique.....	13
2.3 O Caiapó e a Dança.....	13
2.4 Um pouco da Festa de São Benedito – O Santo Negro.....	15
2.5 Um pouco sobre a Fé e o Sincretismo Religioso no Congo.....	19
2.5.1 Umbanda.....	20
2.5.2 A Igreja Católica.....	22
2.5.3 Articulação da Dicotomia – Fé / Festa.....	23
3. A DICOTOMIA: PROFANO / SAGRADO.....	24
4. MARCOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS.....	25
4.1 Sincretismo.....	27
4.2 Preconceito / Racismo Religioso e de Raça.....	29
4.3 Cultura Popular .....	30
5. METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO.....	31
5.1 Metodologia.....	31
5.2 Trabalho de Campo .....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

## RESUMO

O presente artigo fez uma reflexão sobre o tema: Fé ou Festa, de dois Ternos de Congo da cidade de Poços de Caldas – Minas Gerais, tradicionais e de diferentes fundamentos, ou seja, enquanto um é de origem Católica, de devoção aos santos católicos, o outro pesquisado é da Umbanda, que também se considera Católico, por reverenciar santos cristãos em suas sessões e nos cortejos da Festa de São Benedito. Ao cruzar a Fé e a Festa, perceber em que momento ambas se articulam em seus rituais para chegar à beleza e à contribuição desta etnia para a cultura popular brasileira que resiste e persiste há séculos, a despeito de todas as perseguições, preconceitos e dificuldades, rituais estes que muitas vezes parecem festas, mas têm que ser encarados como Fé de um povo que rompeu seus grilhões .

Palavras-chave: Congo (Congada, Congado), Fé (o sagrado), Festa (o profano).

## RESÚMEN

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre el tema: La Fe o la Fiesta de dos grupos de Congos de Poços de Caldas - Minas Gerais, o sea, los motivos tradicionales y diferentes, es decir, como un es católico de origen, de la devoción a los santos católicos, los demás buscaron la Umbanda, que también se considera católica, honrar a los Santos Cristianos en sus reuniones y procesiones en la fiesta de San Benito. Al cruzar la Fe y la Fiesta, se dan cuenta que cuando ambos se articulan en sus rituales para alcanzar la belleza y la contribución de la etnia a la cultura popular brasileña que resiste y persiste durante siglos, a pesar de toda la persecución, los prejuicios y las dificultades, los rituales que a menudo se parecen a las fiestas, deben ser vistos como una manifestación de Fe de un pueblo que rompió sus cadenas.

Palabras clave: Congo (Congada, Congado), la Fe (lo sagrado), la Fiesta ( lo profano).

## **ABSTRACT**

The goal of this paper is to reflect on the theme: Faith or Party within two Congo groups of Poços de Caldas - Minas Gerais, both traditional and of different foundations, ie one as a Catholic in origin, of devotion to Catholic Saints, and the other one followed the Umbanda line, which is also considered Catholic, honoring Christian Saints in their meetings and processions on the Party of St. Benedict. Once crossing the Faith and the Party, realize where both are articulated in their rituals to reach the beauty and the contribution to the Brazilian popular culture that has resisting for centuries, despite the persecution, prejudice and hardship, such rituals that often seem parties, must be considered as a demonstration of Faith of a people who broke their chains.

Keywords: Congo (Congada, Congado), Faith (the sacred), Party (the profane).

## 1. INTRODUÇÃO

*ô, abre a cortina do passado, tira a mãe preta do cerrado, bota o Rei Congo no Congado, deixa cantar de novo o trovador.... Ary Barroso*

“Abrir a cortina do passado” e desvendar como o profano e o sagrado se articulam para estes povos de tantas etnias e diferentes rituais neste universo de católicos, religião imposta aos escravizados no colonialismo, é o objetivo deste artigo.

Escrever sobre o tema proposto Fé ou Festa demonstrou um enorme desafio a cada passo que a pesquisa progredia, considerando que já foi muito explorado em suas diversas nuances e em suas inesgotáveis possibilidades de abordagem. Esta mesma linha de pesquisa escolhida já teve olhares de muitos pesquisadores, permitindo que o leque se abra com variações e interpretações outras e infinitas a tantos quantos escolherem este tema.

Este artigo propõe lançar um olhar sobre o Congo (foi eleita a forma mais simples das diversas denominações aceitas, por soar melhor com o título escolhido), com suas manifestações de Fé (o sagrado) e Festa (o profano), que é conhecido também como: Congado(s), Congada(s), todas corretas, ou ainda como o *catolicismo popular*, de influência africana.

A proposta aqui é uma reflexão sobre Fé e Festa e sua articulação para os participantes desta manifestação popular, o Congo, assim como é cultural, profana, a festa, o folguedo, é também, religiosa e voltada ao sagrado, ao ritual de culto às divindades africanas, mescladas aos santos de devoção católica.

Ao pesquisar dois grupos de Terno de Congo para estabelecer um paralelo, pois um é de linha católica e o outro da Umbanda, buscar chegar onde está o limite entre Fé e Festa, ou Fé ou Festa, e em que momento se mesclam.

Procurou-se os parâmetros do “approach” desta manifestação popular com o sagrado e o profano. A pesquisa teve o intuito não de desmistificar o sentido de Fé ou Festa, mas entender se ambas, Fé e Festa, se cruzam e em que viés.

O “abrir a cortina” pretendeu rasgar o véu do passado e desvendar o mistério deste povo escravizado, num país hostil, que conseguiu resistir e praticar sua cultura.

Este artigo se utiliza da metodologia da observação participante e da entrevista livre.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **2.1 Poços de Caldas – dados históricos e atuais**

Poços de Caldas está situada na região sul de Minas Gerais. O primeiro nome da cidade foi Freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas. Depois, tornou-se Vila dos Poços de Caldas. Em Poços de Caldas, a celebração a São Benedito é muito forte e marcante, onde os devotos deste Santo fazem o possível e o impossível para manter a tradição desta festa, que acaba atraindo a população local e turistas. Estes fatores serviram de motivação para este trabalho de conclusão de curso.

Poços de Caldas, tendo sido chamada a “cidade encantamento”, estância termal de águas minerais sulfurosas, faz parte do circuito das águas e foi muito importante no começo do século passado. A cidade ficou conhecida após a descoberta de águas termais de utilização terapêutica, e, na época, foi comparada com “Águas de Caldas da Rainha”, de Portugal, daí o nome de Poços de Caldas. Localizada na Serra da Mantiqueira, foi fundada em 6 de novembro de 1872.

Conhecida como “Las Vegas Brasileira” na época de ouro dos cassinos (1930 a 1946), Poços de Caldas era a mais movimentada e, a exemplo de outras estâncias hidrominerais do sul de Minas Gerais, atraía turistas pelo jogo e a cura pelas águas minerais. Em 1946 Pres. Gal. Eurico Gaspar Dutra decretou o fim dos cassinos, provocando assim a falência da cidade e o fim do emprego de centenas de pessoas. Porém, até hoje, as águas hidrominerais, sulfurosas, continuam atraindo o povo de todas as regiões, por suas propriedades curativas.

Personagens importantes e famosos passaram por Poços de Caldas: o Imperador Dom Pedro II, em 1886, que veio para inaugurar o ramal de Caldas, da

Estrada de Ferro Mogiana. Passou também Carmen Miranda, em 1938. Conta-se também que Grande Otelo era freqüentador desta cidade. Santos Dumont, Juscelino Kubitschek, Rui Barbosa, entre outros tantos célebres e famosos.

Poços de Caldas, ficou também conhecida como a “Mônaco Brasileira” e ambas tinham em comum os cassinos e as corridas de carro que aconteciam em circuito de rua.

Era para a região sul de Minas Gerais, rica e produtora de café, que os negros escravos eram enviados e onde houve grande concentração deles. Após a abolição da escravidão, os negros que saíam destas fazendas, destas plantações, iam para vilas, lugarejos e aí praticavam sua devoção e apego ao São Benedito. O Terno de Congo de São Benedito, de Ailton Santana (Mestre Bucha), com aproximadamente 106 anos, foi criado por negros, muitos deles descendentes ou ex-escravos. A mãe de Mestre Bucha, dona Mercedes da Silva Santana, carregou a bandeira do Terno de Congo de São Benedito por mais de setenta anos.

Os congadeiros, os dançadores de Poços de Caldas, lutam para manter esta manifestação popular viva e atuante, pois, constata-se, hoje em dia, que

“os jovens seduzidos pelo “moderno”, não se sentem realizados participando de festas que não são legitimadas pelos media, que não dão prestígio. Assim, aos poucos, vão afastando-se destas práticas, o que tem levado a uma redução destas manifestações. Em alguns casos, os jovens têm-se recusado mesmo a dar continuidade às tradições dos pais e avós”.(FERREIRA, 2008) p. 81

## **2.2 UM POUCO DE HISTÓRIA DO CONGO (CONGADO, CONGADA)**

É uma dança que lembra a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga de Angola, acompanhado de um cortejo compassado, levantamento de mastros e música. Os instrumentos musicais utilizados são os tambores, a cuíca, a caixa, o pandeiro, o reco-reco.

RABAÇAL, em “As Congadas no Brasil” (1933), vai utilizar, o tempo todo a denominação Congos, Congados, Congadas. Esta manifestação cultural e religiosa, de influência africana, ocorre em algumas regiões do Brasil, tendo por temas a devoção a São Benedito, o encontro da imagem de Nossa Senhora do

Rosário e a Embaixada (representação da luta de Carlos Magno e os Doze Pares de França e o Rei da Turquia, ou seja o combate entre mouros e cristãos).

O ponto alto da festa, a coroação do Rei e da Rainha, acompanhado de um cortejo, levantamento de mastros e música, tradição esta trasladada para o Brasil pelos negros africanos, escravizados, dando origem ao movimento sincrético religioso na cultura nacional.

CÂMARA CASCUDO, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro (p. 149), define Congada, Congado, Congo como “folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, um auto com elementos temáticos africanos e ibéricos, cuja difusão data do século XVII.” Quanto aos elementos africanos, são os rituais que foram trazidos e apropriados como arma poderosa e propulsora de devoção do panteão afro. As tradições ibéricas se traduzem no combate entre mouros (embaixada), na figura do turco Ferrabrás (rei de Alexandria), e cristãos, representados por Oliveiros (valente guerreiro de Carlos Magno e um dos Doze Pares de França). Neste combate, entre Ferrabrás (que acreditava que seu Deus era mais forte que o Deus cristão) e Oliveiros, este vence e converte Ferrabrás ao cristianismo, pois este havia prometido se batizar ao final, se sobrevivesse.

A história da luta entre mouros e cristãos, foi incorporada à embaixada do Terno de Congo, extraída do livro “**História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França**” que chegou ao Brasil, foi “degustada” e “decorada” pelos congadeiros de Poços de Caldas, conseqüentemente, reinterpretada e adaptada aos folguedos apresentados durante a Festa de São Benedito. Este livro, original francês, desapareceu, tanto que os fundamentos, bem como alguns termos estrangeiros (passaram a ser pronunciados conforme eram ouvidos, muitas vezes transliterados para o português) são do conhecimento dos congadeiros mais antigos, e o repasse destes saberes é transmitido oralmente às novas gerações.

No Congo, o Rei Congo (vide Figura 1) que vem sustentando a coroa na procissão, representa Carlos Magno, cuja vestimenta é de cor azul, e Ferrabrás (o turco) usa a vestimenta de cor vermelha. As cores azul e vermelho originaram-se na embaixada que foi inserida no Congo.



Figura 1- Rei Congo do Terno de Congo de São Benedito

Nestes festejos é reverenciada Nossa Senhora do Rosário (Santa de devoção dos negros africanos), assim como os Santos Cristãos, para aliviar o peso da escravidão e a fuga dos castigos sofridos nas senzalas.

Popularmente, consta que a imagem de Nossa Senhora do Rosário aparece em uma gruta, é levada pelo Padre do Arraial para uma ermida e desaparece, por diversas vezes. Um grupo de Congo, para tentar trazer a imagem, é convidado a se dirigir para a gruta e, tocando seus instrumentos, só consegue fazer com que a imagem se movesse e parasse. Então, chamados os moçambiqueiros (dançadores do Moçambique, manifestação africana, folclórico-religiosa, cuja função é puxar reis e rainhas negros), batendo seus tambores e cantando, dirigem-se até Nossa Senhora do Rosário pedindo a sua proteção. Neste momento, a imagem caminha, dirige-se para a Igreja, não mais voltando para a gruta. (FOLCLORE, s/d)

Assim, conta Balbino, “o contador” da história sobre a Congada, que o Moçambique é mais importante que a Congada, pois, enquanto o Moçambique não “batia caixa para sair à rua, Congo não saía e não dançava”. Aqui começa a saudação e a comemoração dos Congos reverenciando Nossa Senhora do Rosário, em Poços de Caldas. (FOLCLORE) op.cit., p.06

As raízes dos Ternos de Congo estão muito presentes e evidentes, desde o período da colonização, perpassando a rica cultura do café do sul de Minas Gerais, onde desembarcaram muitos africanos escravizados para o trabalho na lavoura.

Há mais de cem anos os grupos de Congo se apresentam na cidade, no mês de maio, durante a Festa de São Benedito. Encontra-se atestado na publicação da Secretaria Municipal de Turismo e Comunicações de Poços de Caldas/MG, intitulada “Folclore”, que em Poços de Caldas esta manifestação acontece desde 1902, e a tradicional família Mourão, na sua matriarca Herculana Mourão se envolve pessoalmente para que a festa de São Benedito aconteça.

Atualmente, Poços de Caldas conta com a presença dos seguintes grupos de Congo, entre eles: Terno de Congo de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Santa Ifigênia, São Jerônimo / Santa Bárbara, para louvar São Benedito e, cada qual, manifesta a fé a sua maneira.

As vestes dos dançadores de Congo são vistosas e bonitas, feitas geralmente de cetim brilhante, utilizando a cor azul (representando os cristãos) e a cor vermelha (representando os mouros). Camisa e calça (bombacha) e a capa com dezenas de fitas coloridas e chapéu de palha com enfeites, coberto com cetim e fitas (Vide Figura 2).

Os congadeiros saem com suas roupas de dançadores de Congo especificamente nos dias 11, 12 e 13 de maio, embora participem da Festa desde o primeiro dia, ou seja, 1º de maio, com roupas de cidadãos comuns.

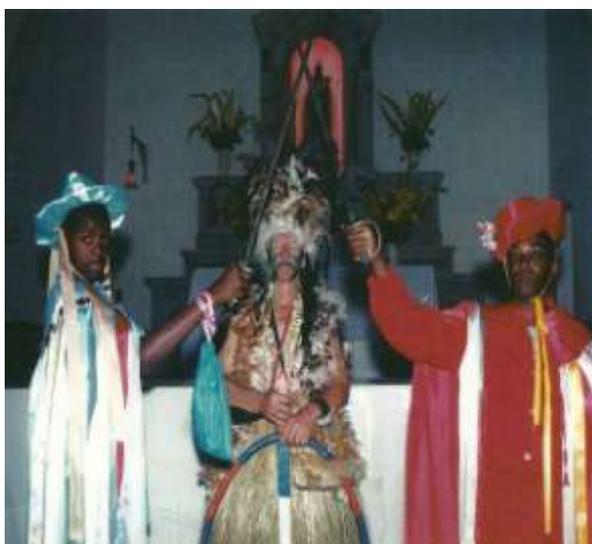


Figura 2 - Vestes dos dançadores (da esquerda para a direita: cristão, caiapó, mouro)

Em 2002 foi criada a Associação dos Ternos de Congos e Caiapós de São Benedito, de Poços de Caldas, tendo como seu maior articulador o Prof. A. Fonseca entre outros. Contou, também, com o apoio de dona Orlanda da Conceição Silva, do Terno de Congo São Jerônimo/Santa Bárbara, sendo a primeira mulher Capitã de um Terno de Congo, pois este título podia pertencer somente aos homens. Recebeu o título por não haver descendente masculino na sua família, quando do falecimento da mãe. É, também, a primeira presidente desta Associação.

O Congo se divide em desfile (cortejo ou procissão) e a embaixada.

### 2.2.1 Embaixada

A embaixada, uma das partes do Congo, tem aspecto guerreiro para alguns estudiosos, porém, RABAÇAL (op. cit., p. 9) configura como aspecto pacífico. “A narrativa das embaixadas históricas é documentário vivo para o folclore”; “os africanos conheceram, usaram e abusaram das embaixadas” e o “Congo tem seu maior centro de interesse no assunto da embaixada” (CÂMARA CASCUDO, 1999) op.cit., p. 209

A embaixada é composta de partes cantadas, faladas e o desafio é a parte integrante que é a “ inicial ou central do auto”, sendo o Embaixador que *dá missão*, o recado, a mensagem, quando então começa a luta, entre mouros, na figura de Ferrabrás, e cristãos, na figura de Oliveiros, com a vitória dos cristãos, explicada acima.

Texto de uma Embaixada do Terno de Congo de São Benedito, cantada por Mestre Bucha.

*Quando se vai fazer a embaixada, os congadeiros entram cantando.*

*Gente, me dá licença meu senhor*

*A minha embaixada voltou*

Repete-se várias vezes este estribilho

E quando se posiciona, já para fazer a embaixada, tem uma música que fala

*Quando lá no céu formou o castelo*

*Com montão de maravilha*

*Os cristãos formaram guerra*

*Contra o rei da Turquia*

### **2.2.2 Moçambique**

É preciso mostrar a importância do Moçambique, quanto aos rituais. Conforme mencionado na publicação “*FOLCLORE*”, “*o Moçambique se tornou mais importante que o Congo, pelo fato de ter conseguido a permanência de Nossa Senhora do Rosário na Igreja*”. (op.cit., p.06)

O Moçambique, principal responsável pela preservação dos mistérios e da sacralidade da festa, tem primazia nos cortejos.

Assim, vale a pena um pequeno aparte sobre o Moçambique, cuja origem remonta à África, manifestação popular, folclórico-religiosa, não tem embaixada e é a comitiva dos Reis e Rainhas, como também da Santa e do Santo. O Moçambique é mais tranquilo, com a função de puxar reis e rainhas negros.

### **2.3 O Caiapó e a Dança**

Os índios Caiapó pertencem à família lingüística ‘jê’. Portanto, caiapó é o indivíduo desta tribo, e, também, o bailado que relembra o episódio ocorrido na fase da colonização, narrado pela tradição oral de origem indígena, quando uma índia pequena foi raptada pelos portugueses e levada para serviços domésticos na casa grande.



Figura 3 – Índio caiapó na Festa de São Benedito

Durante a representação de Caiapó, as pessoas não falam, nem entre si, apenas gesticulam e se alimentam de doces para lembrar que em tais dias, no mato, o principal alimento dos silvícolas era o mel.

Faz parte da procissão do Congo esta dança, e é durante a festa que acontece a retirada dos caiapós do mato. O significado da retirada deve-se ao fato dos negros escravos fugirem da senzala, do trabalho duro, para o mato, para escapar dos maus tratos. Muitas vezes feridos, sem agasalho, sem arma. Nesta ocasião, os índios ajudavam curando, abrigando, saciando a fome e a sede. E, na libertação dos escravos, em 1888, a primeira coisa que os negros libertos fizeram, e é simbolizado até hoje na comemoração da libertação, saem à procura dos índios para agradecer-lhes a ajuda que deram aos negros fugitivos e convidá-los para participar da festa. (Vide Figura 3)

A representação da retirada dos caiapós ocorre até hoje, todo dia 11 de maio, às 4 horas da tarde.

Nesta ocasião, o Terno de Congo de São Benedito vai até a mata de São Domingos, que faz parte da Serra da Mantiqueira, para retirar os índios que ficam escondidos. O Rei Congo, Carlos Magno, põe fogo em algum objeto para chamar a

atenção dos índios que, curiosos, se aproximam e há uma surpresa. Acontece a captura simbólica, quando os índios são tirados da mata para se aproximar dos negros. Neste exato momento, há uma troca de gentilezas simbólicas, ou seja Carlos Magno oferece sua coroa para o índio, chefe dos caiapós, e o índio tira seu cocar e oferece a Carlos Magno, ou seja ao Rei Congo. E, a partir do momento que são retirados do mato e têm contato com os negros, todos saem em cortejo até a Paróquia de São Benedito, entram numa Igreja e passam a ser “catequisados”, pacificamente, simbolicamente falando. A intenção dos negros não era capturar estes índios para escravização e catequese, como no passado, mas fazê-los viver como povo, assim chamado, “civilizado”.

#### **2.4 Um pouco da Festa e de São Benedito - o Santo Negro**

São Benedito, o Santo Negro, italiano, não era escravo, mas filho de pais descendentes de escravos trazidos da Etiópia para a Sicília. Conta-se que São Benedito foi o único Santo que teve uma procissão em vida, e já tinha uma luminosidade própria, sendo muito procurado por pessoas para pedir um milagre, a cura. Sua fama de milagreiro já corria o mundo, fato que o fez mudar-se várias vezes de cidade, para fugir desta procura incessante, por ser uma pessoa tímida e temente a Deus, não concordava com o que estava acontecendo.

Lendas a respeito de São Benedito: (BRASILEIRO, p. 23) Em África: escravo africano, cozinheiro, conhecia os segredos do tempero. Na Itália: também cozinheiro. Alimentava todos e em todos os lugares, com pouca comida. Ele sempre tinha o suficiente para quantos viessem pedir alimento. A lenda criada pelos jesuítas: a sintonia (ainda que *acobertada a forte resistênci*a do negro às *correntes coloniais*) entre jesuítas e a escravaria no Brasil serviu para que a história de São Benedito fosse adaptada, sendo *mantida viva na memória dos contadores mais antigos*.

A Festa de São Benedito acontece desde 1907 (para alguns 1902), na Freguesia da Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas, primeiro nome da cidade. Mas, as primeiras festas já aconteciam antes de 1907 na Fazenda Barreiro em Poços de Caldas.

Para os católicos, a data oficial dedicada ao Santo italiano é 5 de outubro (dia de seu nascimento em 1524 ou 1526). Porém, a festa é realizada no pátio da Capela de São Benedito, de 1º a 13 de maio, sendo a mais tradicional da cidade. Treze de maio, em Poços de Caldas era a data do aniversário do Coronel Agostinho Junqueira, fundador do município e também data de aniversário de seu filho, de mesmo nome, que doou a área para a construção da segunda Capela. Esta foi uma das razões precípuas de ter sido mantido dia 13 de maio, para a celebração em honra a São Benedito.

O evento é uma das principais manifestações culturais de Poços de Caldas, com participação de milhares de pessoas, e é uma das poucas cidades que pode contar com dois padroeiros – Nossa Senhora da Saúde e o padroeiro, o Santo da devoção popular – São Benedito.

A programação inclui apresentações de grupos de Congo e índios Caiapó, eventos religiosos, além das famosas barracas das paróquias, que comercializam pratos típicos, doces e bebidas quentes. Contam os moradores mais antigos, que a festa perdeu sua cultura popular tradicional – as barracas pertenciam às pessoas comuns da cidade, ou seja aos seus cidadãos, e aconteciam os “correios elegantes”, a “chuva de pétalas de rosas do Avestruz” (era a pessoa de apelido Avestruz quem fazia o churrasco mais famoso da festa). No dia da procissão, "Avestruz" aguardava quando a imagem estava chegando, carregada pelos fiéis, e jogava pétalas de rosas em grande volume sobre a imagem de São Benedito. Hoje, esta tradição não mais existe, e as barracas são exploradas por comunidades religiosas ou beneficentes, tendo seguido outro rumo.

A procissão de 11 de maio tem início no ponto turístico chamado Fonte dos Amores, área verde (mata) localizado dentro da Serra de São Domingos, onde acontece o ritual da retirada dos índios Caiapó de dentro do mato, para serem trazidos ao convívio da festa, em sinal de reconhecimento pela ajuda destes aos negros escravos foragidos que se escondiam nas matas, e que muitas vezes feridos e doentes, acabavam perecendo. Nesta ocasião, o Cacique e o Rei Congo trocam suas coroas, em sinal de amizade, e a festa continua com música e bailado, seguindo em procissão pela cidade afora. Esta coroação é reminiscência das festas africanas que coroavam os reis no continente negro, tradição introduzida no Brasil

por Chico Rei, líder africano vindo como escravo para o Brasil. Na tradição oral mineira, Chico Rei aparece como uma figura de sucesso, é o escravo de origem nobre que compra sua alforria, compra uma mina de ouro, a liberdade de outros escravos, reconstitui sua corte e reina sobre seus companheiros.

A comemoração do dia 13 de maio obedece ao seguinte cronograma: às seis horas da manhã – alvorada festiva com queima de fogos e repique de sinos da Igreja de São Benedito e da Basílica Nossa Senhora da Saúde (Matriz da cidade). E, às quatro horas da tarde, a procissão. Neste dia, que é feriado municipal, acontece uma procissão solene com andores de São Benedito, de Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia, seguindo pelas ruas da cidade, acompanhada por um grande número de pessoas: Rua São Paulo, Praça Pedro Sanches, Praça Major Luiz Loyola, Rua Junqueiras, Rua Assis Figueiredo, Rua Alagoas, Rua Santa Catarina, cujos devotos do Santo, pagam promessas, portando velas, pedras nas mãos, pés descalços, em agradecimento a São Benedito, por curas ou milagres alcançados.

Ano após ano, a Festa de São Benedito atrai mais público. Este evento resgata as tradições culturais da cidade e foi criado por negros, descendentes ou ex-escravos, que tinham em São Benedito o seu maior apego.

O Terno de Congo de São Benedito, o mais antigo e o mais tradicional de toda a cidade, tem como herdeiro e seu Embaixador de Congo, Ailton Santana (Mestre Bucha), apelido adquirido na infância. De família tradicional de congadeiros, pois a mãe recebeu de seus ancestrais, e que, por setenta anos, carregou a bandeira de São Benedito. O Terno de Congo de São Benedito encena a batalha conhecida como Embaixada do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, no encerramento da Festa de São Benedito, dia 13 de maio, na Capela de São Benedito. Acontece, também, neste encerramento, a Missa Conga, dentro do recinto da Igreja, com toda a Congada reunida, cantando e tocando seus respectivos instrumentos em louvor aos seus santos de devoção. Ritual emocionante de se assistir, e se acaba participando ativamente, pelo impacto e pelo *frisson* que a dança, a música e o ritmo causam em todos, tanto nos seguidores do Congo, quanto nos católicos, presentes ao ato religioso. Neste momento, todos se irmanam num só fervor, num sincretismo religioso impressionante. *Santa Bárbara! Ogum? São Jorge!*

*Xangô?, São Jerônimo! Oxossi?, São Sebastião! Aioká, Inaê, Kianda – Iemanjá!  
Viva a no Nossa Senhora Aparecida! (VILA)*

Interessante mencionar aqui a época da realização da festa de São Benedito, no mês de maio, ou seja dia 13, pois além do dia de comemorar São Benedito, é também o dia da libertação dos escravos, e, sobretudo, o aniversário do coronel que doou o terreno para a construção da Igreja, bem como o dia da sua inauguração, embora em outras localidades ocorra em datas diversas, por exemplo, julho, outubro, novembro, dezembro.

Dia 13 de maio passou a ser um dia muito especial. Além da Abolição, homenageia-se o Coronel Agostinho Junqueira, o benfeitor da cidade, por seu aniversário.

A Capela de São Benedito foi construída por volta de 1900, e, durante a Festa de São Benedito eram feitos leilões com fazendeiros, coronéis do café, da pecuária, para erigir as outras igrejas da cidade. Eram leilões onde havia muita concorrência entre os coronéis, pois cada um queria doar mais que o seu vizinho. Assim, houve muita ajuda financeira para se construir as demais igrejas.

A primeira imagem de São Benedito veio de Amparo/SP para Poços de Caldas, trazida pelo escravo alforriado, bem financeiramente, de nome Herculano Cintra (os escravos recebiam o sobrenome dos seus respectivos proprietários). Este escravo, muito devoto de São Benedito, atribuía ao Santo sua alforria. Comprou uma chácara, conheceu Raimundo Mourão, outro escravo, pediu à família Mourão apoio para realizar a Festa.

Uma vez que o dia de se comemorar São Benedito é 5 de outubro, do calendário da Igreja Católica, esta data, em Poços de Caldas, por ser expressiva aos devotos do Santo Negro, passou a ser celebrada em 13 de maio, o dia oficial, por todos os fatos importantes e marcantes ocorridos no passado, já explicados anteriormente.

## 2.5 Um pouco sobre a Fé e o Sincretismo Religioso no Congo

Santa Bárbara! Ogum? São Jorge! Xangô?, São Jerônimo! Oxossi?, São Sebastião! Aioká, Inaê, Kianda – Iemanjá! Viva a no Nossa Senhora Aparecida! Salve sincretismo religioso. Sincretismo Religioso (letra e música de Martinho da Vila).

A letra da música “Sincretismo Religioso” de Martinho da Vila, mostra bem quantos santos católicos foram sincretizados, para que os negros pudessem se valer de sua Fé e de seus rituais durante os duros períodos nas senzalas, e bem pode se notar nas principais correspondências da letra da música citada. Muitos dos orixás acabaram sendo renomeados com nomes de santos católicos.

Por serem obrigados, pela missão jesuítica, a aceitar a religião católica, a única religião permitida no período colonial, os negros se refugiaram no sincretismo religioso, como forma de resistência e de autodefesa. Se por um lado, demonstravam admirar os santos católicos, não fugiam a sua crença, aos rituais do seu próprio panteão de divindades. Ao chegarem de África, em navios negreiros, eram alojados em locais diferentes, para evitar rebeliões, e foi então que aconteceu a mistura de diferentes etnias e cultos, surgindo o sincretismo religioso africano. Cada povo desta diáspora negra tinha sua própria cultura, sua própria dança, seus próprios rituais, seus santos domésticos e, aos poucos, houve a mistura das culturas africanas com os cultos aos santos católicos para resgatar um pouco da pátria-mãe distante, neste solo tão hostil a eles, para minorar o seu sofrimento.

O sincretismo religioso, associação das culturas africanas com as festas católicas, serviu de força propulsora para este povo estrangeiro, que precisou se adaptar para sobreviver. Ao mesmo tempo, passou a cultuar seu próprio panteão, o dos seus antepassados, praticando os cultos católicos, satisfazendo a Igreja Católica, nos mesmos lugares, e ao mesmo tempo reverenciando suas entidades africanas.

Ainda que, para quem está assistindo às manifestações, seja um limite muito tênue entre religiosidade e cultura popular, para os caiapós e congadeiros é pura devoção.

### 2.5.1 Umbanda

Religião tipicamente brasileira e uma das mais praticadas pelos negros ou descendentes de africanos, absorveu a herança do Espiritismo, pois acontece a comunicação com espíritos desencarnados durante a sessão, com a incorporação de pretos velhos, crianças, boiadeiros, espíritos das águas, eguns, exus, originando, assim, os chamados cultos afro-brasileiros.

A Umbanda,

*no passado sofreu muito com o aspecto negativo conhecido como macumba, forma arcaica da umbanda com práticas de feitiçaria, como na Idade Média cristã. (COSTA, 1977)*

E, somente assim, os negros escravizados puderam renovar seu culto ancestral sem perder a identidade básica do seu panteão divinatório.

O Terno de Congo São Jerônimo / Santa Bárbara, embora entidade espírita, da Umbanda, na sua capitã dona Orlanda, herdou de sua mãe esta incumbência, embora não deva existir mulher como capitã, caso diverso este, pois não havia descendente masculino para receber o comando. Também participa ativamente da Festa de São Benedito, na procissão e na Missa Conga, que foi resgatada, após muito lutar para ser aceita e poder entrar na paróquia. Os cantos durante a Missa Conga são feitos pelos ternos de Congo, com seus instrumentos e suas músicas. Seu terreiro de Umbanda, denominado São Jerônimo (Xangô) / Santa Bárbara (lansã), ao mesmo tempo que cultua o seu panteão africano, também é devotado aos santos católicos.



Figura 4 – Dona Orlanda, na Igreja Católica

Dona Orlanda (Vide Figura 4), como líder espiritual, mãe-de-santo do seu terreiro de Umbanda, lutou e ponderou em colocar seu Terno de Congo participante nas festividades católicas de São Benedito, provando e não indo contra os dogmas da Igreja, uma vez que a sua Umbanda professa o amor ao próximo.

Na Umbanda, a vestimenta é branca; quando em cortejo na Festa de São Benedito, são usadas roupas coloridas, como as dos demais congos.

**Estrilho entoado por dona Orlanda (em entrevista), quando em cortejo com o seu Terno de Congo, reverenciando os santos católicos**

Meu São Benedito

Olha Nossa Coroa

Meu São Benedito

Olha Nossa Coroa

Eu peço pelo amor de Deus

Oh, meu pai não deixe cair ..... (bis)

**Outro estrilho, agora da Umbanda**

Ai, ela é Oxum (bis)

Fala minha mãe

Minha mãe Oxum

Fala minha mãe

Minha mãe Oxum

E grita-se depois, ai ie ie OXUM, fala Nossa Senhora Aparecida na Igreja de São Benedito.

### 2.5.2 A Igreja Católica

A “abertura” da Igreja Católica, com sua liturgia de ótica europeizada, (a concorrência e perda de fiéis), com a nova linha do Concílio Vaticano II, (1962-1965) procurou compreender vários cultos, entre os quais os africanos. A Igreja precisou sair dos muros de Roma e conhecer estes ritos, levando em conta as características do povo. Hoje, estes rituais são bem mais acessíveis de se conhecer que no passado, quando os umbandistas temiam a descoberta de seus terreiros. Se a Igreja não passar por uma “inculturação”, cuja palavra é muito importante para nós brasileiros, para compreender a nossa realidade, acontecerá que ela verá o *Congo lá, profano, e ela cá, sagrada* (informação verbal).

“A palavra ‘inculturação’ tornou-se importante para expressar a presença radicalmente renovada da Igreja missionária: o Evangelho é anunciado para se tornar um princípio que anima, guia e unifica as culturas.” Revista “Mundo e Missão” (Evangelização – Inculturação)

Segundo explicação recebida do Pároco a Igreja tem que passar por esta “inculturação” religiosa para poder entender que as manifestações dos congos ou a da Umbanda, são uma manifestação popular de fundo religioso, deste povo que luta para preservar sua tradição ancestral.

Deus se manifesta grandemente no popular, na fé simples das pessoas, o que pode ser sentido nas congadas.

### 2.5.3 Articulação da Dicotomia – Fé / Festa

Com a renovação e “inculturação” da visão do clero quanto à prática e à aceitação das manifestações populares, a articulação entre Fé e Festa do povo em suas manifestações religiosas se dá de forma mais segura e descontraída, sem que o medo de surpresas esteja presente. O fato de poderem rezar a Missa Conga, abertamente, dentro do recinto sagrado da Igreja Católica, propiciou aos indivíduos dançantes uma renovação, podendo se exprimir cultural e religiosamente.

Neste momento sagrado de celebração da Festa, a Fé se exterioriza através dos cânticos, batuques e da participação de todos os congadeiros, bem como de todos os participantes do evento e a euforia e a magia se apossam de todos, sem exceção, como se estivessem em “transe”.

Usando a frase

“para os dançadores de Congo, devoção e festa estão indissolúvelmente ligadas...” (MENDONÇA, 1999), p. 159.

fica claro e corrobora o que foi exposto acima, ou seja, tudo se funde num só sentimento. De onde, Fé ou Festa, passa a ser Fé e Festa, uma junção sincrética, um binômio perfeito.

O Pároco, (nosso entrevistado), comentou que, tendo estudado em escola holandesa e francesa, teve a oportunidade de visualizar que todos eram muito parecidos. O que não acontece aqui, ao olhar para os fiéis em sua Paróquia, nota a diferença nos indivíduos, ou seja, a miscigenação dos povos. Cada qual é uma figura diferente.

Outro fato importante, é a visão atual da Igreja. Antigamente, quando não se conhecia nem se compreendia a diversidade cultural do povo: *via-se o Congo lá, profano, e a Igreja, cá, sagrada*. E o Concílio Vaticano II (1962-1965) fez com que mudasse essa visão europeizada e ela voltou seu olhar para o *locus*, para o povo e para a cultura da região.

Com esta atitude para com a manifestação cultural, a Igreja Católica **deixou de perder seus fiéis em detrimento de outras religiões, fato muito comum hoje em dia (grifo meu)**. Assim, a Igreja Católica conquistou seus fiéis de volta e os

fiéis que agora podem manifestar a devoção, dentro desta Igreja Católica, que precisou participar desse ecumenismo, para que caísse a resistência ao popular, às diferenças e diversidades e ocorresse uma vivência objetiva e subjetiva.

### **3. A DICOTOMIA: PROFANO / SAGRADO**

Não houve pretensão aqui de explorar profundamente as congadas, mas, compreender a dicotomia entre sagrado / profano nas Festas de Ternos de Congo de Poços de Caldas - Minas Gerais, praticadas pelos afro-descendentes e afro-brasileiros ( negros escravos ou filhos de escravos), fenômeno tão complexo, quando envolve o sagrado na concepção escravista e clerical. Mais especificamente, os Ternos de Congo “São Jerônimo / Santa Bárbara” (Umbanda) e “São Benedito” (católicos e devotos do Santo), manifestações culturais subalternas e profanas, e que são alvo de resistência na aceitação por parte dos eclesiásticos.

Buscou-se subsídios com esta pesquisa para conhecer e entender as possíveis razões, por parte da Igreja Católica, na aceitação dos congos, herança dos negros escravos, bem como, o embate destes com a Igreja, no que diz respeito às duas vertentes religiosas com os seus credos distintos – um dos congos estudados porque segue a Umbanda e o outro, cujos membros são devotos do Santo Padroeiro, portanto católicos, cristãos.

Os objetos de estudo aqui propostos, originários e sediados na cidade de Poços de Caldas – Minas Gerais, foram alvo de não-aceitação por parte da classe eclesiástica, sendo que o Terno de Congo de São Benedito, no seu responsável Embaixador de Congo - Mestre Bucha, sofre menos a pressão do clero, por ser, eminentemente, católico. Porém, o Terno de Congo São Jerônimo / Santa Bárbara, na sua capitã, dona Orlanda, sendo da Umbanda, espírita, questionou junto à Igreja Católica por sua legitimação. Hoje, sua Congada tem permissão para adentrar o recinto sagrado da Igreja Católica e rezar a sua Missa Conga, sendo respeitada e recepcionada pelos próprios representantes do clero, Padre e Bispo Diocesano.

Este povo escravizado, menosprezado por sua cor, como se a cor fosse uma punição, e por ter sido considerado um povo sem alma, passou por muitos conflitos quanto ao preconceito religioso e racial. Povo que ajudou a construir e a ampliar as fronteiras deste Brasil, com sua alma e sua inteligência, trazendo muito conhecimento sobre agricultura, mineração, fundição, etc.

#### **4. MARCOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS**

Nosso tema: Fé ou Festa e a interação do sagrado com o profano nos Ternos de Congo, contou com as literaturas abaixo, onde o assunto foi abordado.

Neste projeto, especificamente, tratou-se da influência das atividades religiosas (cristãs) e do vasto panteão de divindades e como este traslado permitiu ou auxiliou esta cultura desterritorializada, a pretexto religioso, sobreviver e se repor, resistindo à *ideologia da dominação*.

Em particular, Maria Luiza M. de Mendonça, Dançadores do Rosário – O Caminho Cultural dos Sujeitos, tese de doutorado, onde aborda a questão das festas (interpretação), da identidade, das congadas, da cultura africana (negros escravos), cujas referências são a base de sustentação à pesquisa, no que tange às festas, primordialmente, considerando o rico material colhido.

Ainda como referência de teoria particular a tese de doutorado de Rita de Cássia de M. Peixoto Amaral, Festa à brasileira – Significados do festejar, no país que “não é sério”, exatamente o que se busca, quanto a definições de festa, mediação e suas conquistas.

A proposta é a de apenas trabalhar a comunicação e a articulação no cenário sagrado / profano das festas de Ternos de Congo, praticadas pelos afro-descendentes e afro-brasileiros (negros escravos ou filhos de escravos), fenômeno tão complexo, quando envolve o sagrado na concepção escravista e clerical, cujas manifestações culturais subalternas e profanas são alvo de resistência na aceitação por parte da classe eclesiástica.

Os três pilares desta pesquisa são Fé e Festa, e o momento em que ocorre a união.

O primeiro, a Fé: em que medida se dá a coexistência pacífica ou se transforma num amálgama, ligação íntima, de Fé e Festa, em sua dimensão sagrada, uma vivência objetiva.

O segundo, a Festa: perceber onde e como se dá a coexistência de ambas no contexto religioso, considerando que a Fé, o sagrado, de caráter austero, restrito, sacralizante e a Festa, com seu caráter de ordem social e profana, que se reveste de magia, tendendo à descontração, à alegria, ao lúdico, à comemoração, ao divertimento, se sobrepõem através da sua fundamentação mística e sua dimensão sagrada.

[...como eram manifestações profundamente enraizadas nas práticas cotidianas da população, não restou outra alternativa à Igreja que incorporá-las a sua Liturgia] (FERREIRA, 2005) p. 24.

A Igreja admitiu a *'mea culpa'*, e com o Concílio Vaticano II (1962-1965), se renovou, ocorrendo uma “inculturação” desta, quando então, tentou entender a manifestação popular religiosa, havendo uma abertura para os cultos africanos, para dizer *'isto é bom, pode ser aproveitado, aquilo é errado, uma prática supersticiosa, etc.'* (COSTA) *op. cit.*

ELIADE (1992) menciona a festa e o sagrado acontecendo no mesmo momento, “no mesmo Tempo”:

“a cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo sagrado criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas, que são justamente reatualizados pela festa”. (ELIADE, 1992) p.38

E, finalmente, o terceiro a fusão, a amálgama: em que momento se dá a fusão, a sacralidade da Fé com a magia da Festa, sem contemporizações, perpassando pelo imaginário para consolidar uma situação como um todo, indissoluto. Em que momento, tudo se reveste de um belo sagrado e um belo profano e as perspectivas complementares capazes de dar conta das diferenças.

Portanto, pretendeu-se dar conta dos três pilares - Fé e Festa e de sua fusão (o sagrado e o profano, através do ritual do Congado), uma vez que "por meio dos ritos pode-se " passar ", sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado". (ELIADE, 1992), p.38. Subentende-se que a linha divisória do tempo que serve de limite é bastante tênue, efêmera e quase imperceptível.

#### **4.1 Sincretismo**

O sincretismo religioso é o elo forte entre Fé e Festa dos negros africanos, subtraídos abrupta e brutalmente de suas raízes e de suas famílias em África, trasladados para o "Novo Mundo", no caso o Brasil, na condição de escravos, através das suas mais diversas manifestações religiosas, contribuíram para a sobrevivência na condição sub-humana da escravatura.

Os cultos religiosos trazidos por estes povos desterritorializados, sincretizaram-se com o Catolicismo, dando origem aos chamados cultos afro-brasileiros, associação esta que serviu de autodefesa e força propulsora para este povo estrangeiro, que precisou se adaptar. Passaram a cultuar seu próprio panteão e o dos seus antepassados, praticando os cultos católicos, satisfazendo a Igreja Católica, nos mesmos lugares, e ao mesmo tempo reverenciando suas entidades africanas, fazendo de conta que a imposta "conversão" tinha acontecido. Na verdade, suas crenças originais sobrepujaram o que foi imposto à força, e foram misturando cânticos com hinos católicos, orixás com santos católicos, ao que se chamou de sincretismo das mais variadas crenças.

Para quem está assistindo às manifestações do Congo, mesmo que encontrando um limite muito tênue entre religiosidade e cultura popular, para os caiapós e congadeiros, seus dançadores e festeiros, é pura devoção, é a pura busca pelo sagrado, reverenciando os "santos domésticos" ( seus heróis ), que são os seus ancestrais ou pessoas da comunidade, que tiveram atuações exemplares.



Figura 5 - São Benedito no altar (Congá / Gongá)  
do terreiro de Umbanda



Figura 6 - São Jorge e Nossa Senhora Aparecida

Mostramos o sincretismo com as divindades da cultura afro e o sincretismo com os santos de devoção cristã, diante do altar de São Benedito (índios Caiapó na Festa de São Benedito, durante a Missa Conga). (Vide figuras 5, 6 e 7)



Figura 7 – Caiapós diante do altar católico

O sincretismo foi a arma utilizada para manter a manifestação popular cultural, onde o sagrado exerceu a força do poder, através da fé nos santos católicos e nas suas divindades africanas.

#### **4.2 Preconceito / Racismo Religioso e de Raça**

A manifestação popular, o Congo, de Poços de Caldas, teve que enfrentar a fé cristã, quando da construção da Igreja Matriz de costas para a Capela de São Benedito, na praça principal, em sinal de protesto e de desagrado, devido à presença de um reduto de negros existente no local, na época. (Vide Figura 8)



Figura 8 – Construção da Igreja Matriz de costas para a Capela de São Benedito

Em vista desta situação preconceituosa, o mesmo benfeitor de Poços de Caldas, doou outro terreno, em local fora do centro, para a construção da nova Capela para São Benedito, cuja transferência ocorreu entre os anos 1910-1918. Contam que o local era no Morro do Itororó, e quando chovia era muito difícil chegar à Capela. Porém, os devotos tinham tanta fé no Santo, que acreditavam que a construção seria bem sucedida. E assim sucedeu.

### 4.3 Cultura Popular

O Congo, como manifestação da cultura popular subalterna, traduz o que o povo, no caso, os afro-brasileiros ou afro-descendentes, tem dentro de si como preservação das suas raízes e o “por para fora” de forma festiva, lúdica, em ritmo de folgado, a alegria de poder e ter se apropriado de uma expressão cultural própria. Em certa extensão, a apropriação favorece o reconhecimento social, durante o evento e o favorecimento do “surgimento de sujeitos sociais” (MENDONÇA, 1999), p. 30.

## 5. METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO

### 5.1 Metodologia

O desenvolvimento da metodologia ocorreu por meio de entrevistas *in loco* com informações “vivas”, e intensa e exaustiva pesquisa empírica de trabalho de campo, baseada em MALINOWSKI (1978, op.cit.), no seu diário de campo.

#### a) Diário de campo (de bordo) – de cada entrevista realizada

Método de abordagem, de procedimento e técnicas, através da leitura da obra de MALINOWSKI, sua experiência e convivência com os nativos da Nova Guiné Melanésia, referente ao sistema de comércio do distrito do Kula, onde empregou a técnica de pesquisa do diário de campo (de bordo) e a observação participante, com a consequente imersão e convivência, corpo a corpo, na cultura melanésia.

#### b) Entrevistas informais e livres

- Prof<sup>a</sup>. Valderez Medina, na ocasião Diretora do Departamento de Cultura Municipal de Poços de Caldas, URCA, que disparou o gatilho para tomada de decisão de pesquisar os congos de Poços de Caldas, encaminhando ao Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, onde foi conseguido todo o apoio e informação necessários.
- Dona Orlanda, primeira presidente da Associação dos Ternos de Congo e Caiapós de São Benedito, de Poços de Caldas, capitã do Terno de Congo São Jerônimo / Santa Bárbara, e mãe-de-santo da Umbanda.
- Ailton Santana, Gerente do Espaço Cultural URCA, Embaixador do Terno de Congo de São Benedito, pela introdução ao significado do Congo, Congado, Congada, contando-me sua própria história e a origem do seu Terno de Congo, desde as suas mais remotas raízes.

- Roberto Tereziano, jornalista da TVPlan de Poços de Caldas, historiador, profundo conhecedor das manifestações culturais de Poços de Caldas, forneceu dicas e informações preciosas.
- José Dutra Vieira, do Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, com seu conhecimento, explicou sobre o Rei Congo - Chico Rei.
- Lúcia Vera Lima, secretária do Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, na qualidade de assistente informal, mediadora, abrindo o caminho e facilitando o acesso às pessoas e às informações, por ser da comunidade de Poços de Caldas.

## 5.2 TRABALHO DE CAMPO

A pesquisa e as entrevistas foram levadas a efeito com **Diário de Campo (Diário de Bordo)**, método empregado por MALINOWSKI (1978), (instrumento necessário para a pesquisa, utilizando-se de anotações para análise a “posteriori”; ação e visão de campo; sujeito (pesquisador); objeto (pesquisado); levantamento exaustivo de todos os fatos ao alcance). Utilização de quadros sinóticos, com o evento, reflexão, data e hora.

**Observação participante e entrevistas livres** com os sumos representantes de cada um dos Ternos de Congo em questão (Mestre Bucha e dona Orlanda) . Contou-se, também, com a ajuda de uma intermediária, Lúcia Vera – participante e colaboradora de um grupo de Jongo, e secretária do Centro Cultural Afro-Brasileiro Chico Rei, assistente informal, para facilitar o acesso aos entrevistados e ao trabalho de campo, por se tratar de pessoa da comunidade e bem relacionada com a sociedade em questão - Terno de Congo São Jerônimo / Santa Bárbara e o Terno de Congo de São Benedito, ambos de Poços de Caldas, Minas Gerais, e ainda o Jornalista da TVPlan, Roberto Tereziano.

Em um dado momento do desenrolar da pesquisa, a exemplo de Malinowski, não houve intervenção nem estabelecimento de relacionamento interpessoal, para adequado resultado da pesquisa, ou seja, concluir ou inferir até que ponto a manifestação dos Ternos de Congo é Fé, e até que ponto é Festa, ou ambas. Em

outro momento, a observação participante demonstrou ser de primordial importância para se investigar a Umbanda e seus rituais, para fazer um paralelo com a Religião Católica, assim como, a participação em uma procissão destes congos.

Esta pesquisa estudou, procurou entender, questionou sobre o tema proposto, colhendo dados fornecidos oralmente (daí o gravador, importante instrumento de trabalho para atestar a autenticidade das respostas), dos envolvidos e principais responsáveis pelos Ternos de Congo citados.

Não houve aplicação de questionário, sendo as entrevistas de caráter informal, livre.

O levantamento de dados utilizou o procedimento de pesquisa bibliográfica, contatos diretos – entrevistas - com o embaixador, a capitã, o padre e a secretária da Irmandade de São Benedito, um jornalista, bem como, observações de fatos e fenômenos pertinentes à realidade da apresentação de um Terno de Congo em ação, para a elaboração da análise do objeto da pesquisa, técnica conhecida como “observação participante”.

Durante a procissão da Festa de São Benedito, celebrada em 13 de maio de 2010, percorremos todo o trajeto com os Ternos de Congo, caiapós, a população, os fiéis devotos do Santo, bem como os pagantes de promessas. Presenciamos, também, a parte que faz a retirada dos caiapós do mato (literalmente acontece na floresta da Fonte dos Amores), em 11 de maio, e prossegue em procissão precedendo o cortejo de 13 de maio.

Assistimos a uma sessão de Umbanda, no terreiro da casa de dona Orlanda, a mãe-de-santo, em Poços de Caldas, e pudemos presenciar a devoção de ambos os lados, a reverência às divindades africanas e aos santos católicos, cada qual em seu momento durante a sessão. Todos estão trajados com roupa branca, e a sessão tem início com a mãe-de-santo entoando e invocando com o “encruzamento” e a defumação do local. Seguem-se os pontos, cânticos sagrados para formar a corrente e fazer “baixar o santo”, ou seja incorporação de entidade. Em dado momento da sessão são entoadas orações católicas. A sessão é acompanhada pelo batuque incessante dos atabaques, executados por crianças, durante duas horas consecutivas, cuja música é contagiante, envolvente e eletrizante para manter

um certo clima propício. Acompanha também a sessão o badalar constante de sininhos. Para surpresa, há o uso de um turíbulo que incensa o ambiente, tal como na missa católica. A sessão do “passe”, ao final da cerimônia, nada mais é que o momento da confissão católica, diferindo somente que o confessor (pai-de-santo ou mãe-de-santo) está em transe, quando “recebe” o espírito e, nessa incorporação, permanecendo inconsciente, passa sua mensagem, sem a necessidade de uma confissão por parte do fiel, a não ser que este solicite alguma ajuda espiritual.



Figura 9 – Altar (Congá/Gongá) na Umbanda

O altar, o Congá ou Gongá, (vide Figura 9), o ponto principal da cerimônia, todo enfeitado com flores, velas acesas e colares de contas coloridas, com os diversos santos católicos e as divindades do panteão afro, dividindo o espaço com estatuetas de pretos-velhos, caboclos, ciganos, marinheiros e outras entidades espirituais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição desta Festa de São Benedito, com todos os seus Ternos de Congo, festejando suas Divindades e seus Santos, participam levando suas missas congas para dentro do sagrado da Igreja.

Assim, a proposta de pesquisar os três pilares: Fé ou Festa, e sua conseqüente fusão, nesta manifestação particular de Poços de Caldas, o Congo,

demonstrou o quão é tênue o limiar de ambas, sendo quase que imperceptível, uma não sobrepujando a outra, em nenhum momento. A religiosidade deste povo afro-descendente, que preserva, a todo custo, sua crença e seus ritos, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas: falta de subsídios, resquícios de preconceito social e racial, a redução do número de dançadores (pelos mais diversos motivos), o afastamento dos jovens quanto à continuidade desta prática ritual, e já a ausência dos mais antigos, ainda assim resistem a tudo, e contra todos, e levam para a rua seu cortejo nesta grande Festa em louvor a este Santo tão venerado, São Benedito.

Um outro fator da modernidade e da contemporaneidade, foi retratado em entrevista: a dificuldade que o cortejo encontra em prosseguir pelas ruas do bairro, quando se dirige a locais distantes para dar andamento ao processo todo da procissão, ou seja, entrar nas casas, para benzer e para cantar, por entre os veículos que reclamam, não permitindo a expansão dos dançantes fora das calçadas. Portanto, a procissão, hoje se restringe ao centro da cidade, onde a Prefeitura bloqueia todo o trajeto, trazendo segurança aos componentes dos Ternos de Congo e ao público.

Tudo pode ser constatado pelo grande número de participantes quando sai a procissão, dia 13 de maio, seguindo pelas ruas da cidade, e os adeptos vão engrossando a fila do universo de congadeiros, de cantadores e de dançantes.

Este povo consegue unir sincretismo e catolicismo, independente de credo ou cor para se manifestar, uma vez que, segundo MENDONÇA (1999, op.cit.), p. 159 “para os dançadores de Congo, devoção e festa estão indissolúvelmente ligadas...”

A resistência aos preconceitos começou exatamente com o respeito entre os filhos de África as suas tradições e mitos.

Os poços-caldenses vêm enfrentando o preconceito de longa data. Esta história tem início já com a primeira Capela de São Benedito (1902 ou 1907), construída em terreno doado por um sesmeiro da região, e, quando a cidade começa a se desenvolver, e este local era um reduto de negros, estes começam a incomodar a comunidade branca. Neste momento, começa a construção da Igreja Matriz, de costas para a Capela de São Benedito, em clara demonstração do

desagrado da presença dos negros, atitude puramente preconceituosa. Conseqüentemente, a Capela foi transferida para outro local, entre 1910 e 1918.

Hoje, podemos constatar nas palavras dos entrevistados, que com a reviravolta da própria Igreja, da “inculturação” desta, com a conseqüente aceitação da manifestação da cultura popular, em certas localidades e igrejas, a não-aceitação aos cultos foi contornada.

Em Poços de Caldas, durante as festividades de São Benedito, o modo de festejar e reverenciar este Santo Negro, difere do festejar de outras regiões, levando em consideração a religiosidade deste povo, bem como a devoção, de uma forma que não se vê normalmente em outros lugares, onde se misturam negros africanos e brasileiros, índios e umbandistas, pois se pode encontrar nesta procissão católica babalorixás com todas as roupas usadas nos “terreiros de Umbanda”. E mais, na missa tradicional, a presença de grupos de congos, com suas roupas, danças e cânticos, celebrando, com vários padres e, muitas vezes, com a presença do bispo diocesano, a “missa conga”, compartilhados entre os religiosos católicos e a “mãe-de-santo”, que saúda os santos da Igreja Católica, bem como suas divindades com a mesma fé, respeito e devoção. Esta cerimônia se reveste de uma beleza sacrossanta, que emociona até o agnóstico.

Esperamos ter contribuído, mesmo que infimamente, para mostrar que Fé ou Festa, é também Fé e Festa, ambas ao mesmo tempo, num só momento e num só lugar, tanto o profano, quanto o sagrado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Rita de Cássia de M. Peixoto. **Festa à Brasileira – Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de doutorado em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1998.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, s/d
- CÂMARA CASCUDO, L. da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, Global Editora e Distribuidora Ltda., 2008. 2ª. reimpressão
- COSTA, Jesuíta Valdeli Carvalho da. **Orixás & Santos**. Artigo do professor de cultos afro-brasileiros da PUC, publicado no Jornal O Globo, 14.11.1977
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1992. p. 38
- FERREIRA, M. Nazareth. **Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares**. Artigo. Comunicação & Política, v. 24, nº 2, p. 061-071
- \_\_\_\_\_. **Globalização e identidade cultural na América Latina**, São Paulo, CELACC-ECA/USP, 2008 – 2ª. Ed., p. 81
- \_\_\_\_\_. **As Festas Populares na expansão do Turismo – experiência italiana**. São Paulo, Edit. Arte e Ciência, 2005 - p.24.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Ed. Victor Civita., 2ª.ed., Coleção Os Pensadores. Abril Cultural. 1978
- MENDONÇA, M. L. Martins de. **Dançadores do Rosário. O Caminho Cultural dos Sujeitos**. Tese de doutorado, 1999, p. 159
- RABAÇAL, A. J. **As Congadas no Brasil**, Conselho Estadual de Cultura, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1ª. ed., 1976
- REVISTA “Mundo e Missão”. **Evangelição – Inculturação**. Disponível em: <http://www.prime.org.br/mundoemissao/evanincultigreja.htm>. Acessado em 30 out. 2010
- VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000100012&script=sci_arttext). Acessado em 09 maio 2009
- BARROSO, Ary. **Aquarela do Brasil**, letra. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/ary-barroso/163032>. Acessado em 16 dez. 2010
- VILA, Martinho da. **Sincretismo Religioso**, letra. Disponível em: <http://martinhodavila.com.br>. Acessado em 15 dez. 2010